

LAERTE COUTINHO 28/01

Carol Boros: Laerte, o que você se lembra de quando chegou aqui na ECA?

Laerte Cooutnho: Eu lembro que era num barracão, que era o barracão B-9 e que ela não se chamava ECA, chamava-se Escola de Comunicações Culturais. Eu lembro que, não sei, foi uma coisa muito encantadora pra mim, eu tinha alguma expectativa em relação à universidade, mas era tudo assim muito luminoso. Eu não levava em consideração as circunstâncias políticas da época, eu estava entrando num mundo novo e muito promissor, uma terra prometida.

A ECA, a ECC né, tinha, como tem até hoje, essa característica de ser uma escola de múltipla escolha. Você tinha um leque de opções muito grande, desde biblioteconomia, jornalismo, até artes plásticas, teatro, cinema. E eu sabia que eu queria alguma coisa dentro desse leque, principalmente dentro da área de artes, e não sabia direito o que. Pensava em cinema ou teatro. Acabei fazendo música, porque no meu segundo ano de ECA entrou a cadeira de música e eu achei que era o caso.

CB: Depois fez jornalismo, né?

LC: Depois eu fiz jornalismo. Eu larguei música pra trabalhar em jornalismo, fazendo ilustração pra revistas. E eu tirei o meu registro profissional, quer dizer, tecnicamente eu nem precisava de um diploma. Voltei pra ECA porque eu tinha algumas ambições de criar alguma coisa na área acadêmica em relação a minha área de atuação, que era ilustração, mas foi auto-ilusão isso. Eu não levei esse plano adiante nem terminei o curso.

CB: O que era a ECA naquela época? Como ela era vista na sociedade ou entre os alunos?

LC: Como era vista... Pois é, eu disse, eu me inscrevi no vestibular pra ECA porque ela tinha essa característica multifacetada. Eu queria fazer alguma coisa na área de artes e em princípio ia fazer FAU, ia tentar FAU, que era o que as pessoas tentavam né, as pessoas que tinham algum tipo de trabalho ou de expressão na área artística, quando pensavam em profissão iam pra FAU. Eu pensei nisso, "Ah, vou tentar a FAU", mas antes de fazer o cursinho eu resolvi tentar ECA porque a ECA também tinha, aliás, tinha mais claramente o que eu buscava.

Eu não sei, a ECA era vista, Comunicações era vista na época como uma novidade no cenário universitário. Mais tarde, já cursando a ECA eu vim a perceber uma crítica de esquerda, uma crítica do ponto de vista da esquerda em relação à ECA, sobre a oportunidade de criação de uma escola de comunicações no contexto da ditadura daquela época. Mas pra mim, na época isso não era muito claro, eu tinha uma noção de que estávamos vivendo numa ditadura e eu tinha também uma noção em relação ao que estava acontecendo no país, mas não era algo muito claro nem muito nítido. A ECA era uma escola no campo do liberalismo, tomando a Poli, por exemplo, no campo do conservadorismo. Eu estou falando assim, como percepção social.

CB: O que você lembra dos cursos daquela época, hoje música e jornalismo, você vê muita diferença?

LC: Tinha o ano básico né. Esse ano básico era pra todas as escolhas. Não importava qual fosse o seu objetivo, você fazia o ano básico. Eu achava isso muito interessante, eu gostei bastante.

Aliás eu fiz duas vezes como eu tomei pau. Eu tomei pau não porque o curso, as matérias ou os professores fossem ruins. Eu sou uma péssima estudante, eu sempre fui uma péssima estudante mesmo. As minhas notas sempre estiveram no limite, especialmente matemática, física, essas coisas. Tinha boas notas em português, história, essas coisas assim. E na ECA não foi muito diferente. O que dependia de leituras, de aprofundamentos assim, eu fiquei devendo.

Então foi isso, eu tomei pau no primeiro ano, fiz de novo, e foi aí que entrou a cadeira de música e eu resolvi ir por essa área. Mas o curso básico era muito interessante. Tinha uma espécie de matéria adaptada ao contexto da comunicação. Eu lembro que o Ego Chaden, era da Antropologia, ele não sabia o que era Antropologia da Comunicação, que era o nome da matéria. Ele falou *“Eu vou dar Antropologia, princípios da antropologia”*. Ego Chaden, figura de primeiríssimo time mundial.

Outros professores acho que tentavam fazer umas adaptações. Tinha a Maria Sculderi que dava aula de História da Arte, que eram maravilhosas as aulas dela. E tinha o Dilo, o Dilo Prete, que dava, esqueci o nome da matéria, mas era uma matéria prática já. Ele dava algumas noções básicas sobre, não era linguística, não sei, mas ele partia pra prática já. Ele propunha um trabalho e o curso dele era a elaboração desse trabalho. Então ele propunha que se pegasse, dentro do universo das crônicas, ou dos contos curtos, ele propunha um ponto de partida literário e a construção de uma dramatização ou de uma versão para uma outra mídia. Então a sala se dividiam em grupos que trabalhavam aqueles textos em termos de adaptações para rádio ou para tv, ou pra cinema, ou pra teatro, e eu achei encantador isso. Foi um das matérias mais legais que eu fiz aqui. Fiz duas vezes, inclusive.

CB: Você acredita que a ECA colaborou na sua formação pessoal?

LC: Ah, sim, mas como eu disse eu sou uma estudante meio, eu sou uma vagabunda total em matéria de estudo. Se eu disser que a ECA colaborou com minha formação pessoal eu vou ter que explicar de que maneira e eu não saberia dizer. Eu lembro que as leituras indicadas para as matérias, Saussure, Umberto Eco, eu não lia nada disso, eu lia a orelha dos negócios. Eu sempre tive muita dificuldade com estudos e com esses aprofundamentos assim. Agora, foi um ambiente onde eu cresci muito em matéria de linguagem e de expressão. Foi o ambiente, o ambiente universitário foi onde eu e outras pessoas lógico, criamos a Revista Balão. Foi onde eu fiz trabalhos como esse do Dilo Prete, então foi um ambiente de muita produção, de muita troca de ideias, de muita atividade. Então sim, a ECA foi bem importante.

CB: Você poderia falar um pouco mais sobre o ambiente universitário, sobre sua vivência universitária aqui dentro da ECA? A criação do jornal, como nasceu a ideia.

LC: Pois é, nessa época também estava se reagitando a vida acadêmica, a vida dos Diretórios Acadêmicos, e se revigorando, trabalhando a parte de imprensa, então criou-se o jornal A Prensa e foram as primeiras vezes em que eu publiquei. A primeira vez em que eu vi meu trabalho publicado, visto por outras pessoas, isso foi fundamental. Foi onde também eu criei essa revista Balão, era uma revista-laboratório, a gente aprendia como editar, como fazer, fazendo a revista.

E era multi-faculdade também, tinha o inaudível, os irmãos Caruso da FAU, tinha gente de fora da universidade, de outras universidades também.

Basicamente é isso, planos, muitos projetos. Pensamos numa revista de música. O que eu gostava mesmo era disso, de atividades, de criar coisas, mais na área de publicações mesmo. Particpei de algumas performances, de trabalhos na área de teatro também, música.

CB: Teve uma vivência muito presente então, dentro da universidade.

LC: Sim, sim. No curso de música também, que apesar de eu não ter me formado, foi muito importante pra mim a discussão sobre estética, sobre a criação. Eu tive professores excelentes, cujo talento superou a minha tacahez de aprendizado, como Vile, Vile Corrêa, e o Toni Bolonha, professores incríveis pra mim, um desperdício de talento e de ensino. O Vile inclusive foi quem me fez entender o que eu estava fazendo no curso de música e porque eu deveria seguir a trilha da ilustração, do desenho. Conversando com ele é que eu percebi que era isso que eu queria na verdade.

[Corte entre os dois vídeos]

LC: Que acabou formando uma veia de produção, uma produção de comédias, filmes que vão atrás do público, queremos grandes bilheterias. E que eu acho uma porcaria, eu acho uma perda de tempo. Francamente não tenho visto coisas boas muito aproveitadas, mas existe um cinema brasileiro sendo feito que é de primeiríssima. O teatro eu não estou muito a par não. A área de quadrinhos eu estou francamente entusiasmada. Tem aparecido jovens em vários pontos do Brasil, uma produção toda pipocando pelo Brasil, muito interessante. Muito legal e promissor, já está acontecendo isso.

Pois é, eu penso assim em segmentos, em partes.

CB: Qual data você acha que foi importante pra ECA no período em que você esteve aqui? Qual o momento histórico que a ECA passou que você acha que foi importante pra história dela?

LC: Não sei.

CB: E qual professor?

LC: Bom, o Dilo certamente, o Dilo Preste. Ele conduziu a matéria dele de uma forma muito produtiva e encantadora. Bom, fora isso, Chaden, Maria Scuderi, são professores também que foram muito legais, mas eu nem aproveitei tanto assim.

CB: Como você definiria a ECA em uma palavra ou uma frase?

LC: Não sei. Isso eu teria que pensar em casa e vir com a resposta pronta.

CB: Mas de cabeça não vem nada?

LC: Não. As pessoas chamavam a ECA naquela época de Jardim da USP. Era o Jardim da USP, onde tinha flores, onde tinha uma espécie de espaço ecologicamente lindo.

CB: Quando você vinha aqui, você sentia que havia uma diferença entre a ECA e as outras unidades da USP? Que havia um certo preconceito?

LC: Ah, sempre tinha. A gente achava, sei lá, a gente achava que a Poli era um lugar cheio de moços conservadores, nerds. Na verdade, era preconceito mesmo. Eu conheci pessoas sensacionais, um dos desenhistas da Balão era inclusive o Guido Estolfi, que hoje dá aula lá na Poli. Cara sensacional. A gente achava que Filosofia era o pessoal da esquerda amargurada. E é tudo bobagem, são uns estereótipos mesmo. As pessoas achavam que na ECA tinha um bando de drogados e meninas fúteis preocupadas com modelagem. Mas é bobagem, assim. Pessoalmente, o tempo em que eu estive na universidade foi de desconstrução desses estereótipos.

César: Laerte, com licença. Também sou do Núcleo, não pude chegar antes. É um prazer estar aqui. Eu queria aproveitar e fazer algumas inclusões. Não sei nem se o que eu vou perguntar você já mencionou de alguma forma, se sim, desconsidere. A ECA está no teu trabalho? Na tua produção?

LC: Sim, de alguma forma eu já respondi isso sim. Porque fazer o Balão foi decisivo pra minha vida profissional e eu não teria feito o Balão se eu não estivesse na ECA se eu não estivesse na Universidade.

César: Não por isso, talvez eu tenha me expressado mal. Eu estou pegando o último gancho, quando você fala que certos estereótipos, quando você pega e percebe que isso tudo é uma grande construção imaginária. De certa forma isso obviamente passa pelo seu filtro criativo e reflete na sua produção. Como é isso? Como é esse processo? O que te motivava? Onde o ambiente em que você estava dava ideias para sua criação?

LC: Não sei dizer.

César: Você lembra de alguma tirinha, alguma história ou algum momento em que você falou “isso aqui veio daqui”?

LC: Não sei, eu produzi muita coisa naquela época que de alguma forma tentava retratar o que acontecia na USP, na vida acadêmica e tudo. Mas foi uma coisa localizada ali.

César: Mas quando você a coloca no papel e ela transcende aquele momento, ela carrega em si a origem e o ambiente em que você estava, não é isso? Você ainda tem essa memória?

LC: Não sei se eu estou entendendo a pergunta. Você está me pedindo pra lembrar de uma história específica ou um trabalho específico?

César: Eu estou tentando mexer com a sua memória, porque pode ter tido um quadrinho que foi uma grande sacada de uma experiência daqui, seja de contestação, seja de reflexão sobre algo.

LC: Eu acho que não, César. Teve algumas históricas em que eu mencionei o ambiente, ou coisas assim, mas a verdade é que a minha dificuldade com estudo e vivência acadêmica mesmo do período que eu tive, não podia dar outra coisa. Eu tive uma vida social na USP. Eu compreendia a USP e a maior

ECA como um espaço social. Então eu lembro sim de pessoas, contextos e coisas assim, mas muita coisa que acontecia fora da ECA. Uma história que eu fiz pro Balão, por exemplo, era sobre o hábito de dar carona dentro da USP, porque eu achava que isso era meio estimulável. Então foi uma história até meio de propaganda, de “dê mais carona”, uma coisa ridícula. E aí tinha os cenários de universidade, gente pedindo carona, tinha a praça da paineira, onde tinha a paineira ainda naquela época. Mas fora isso não ficou muito não. Eu acho que a ECA e a USP funcionaram como cenário.

CB: Só um gancho que lembrei. Vendo aquelas tirinhas antigas que achamos de você, eu até te enviei umas...

LC: O roteiro do Marcum né.

CB: Isso, o roteiro era do Marcum. Vocês tinham muito essa sensação, você e o Marcum.

LC: Não, fizemos uma ou outra história. Ele queria criar um personagem que era aquele professor de etiqueta e a gente fez acho que uma ou duas histórias com ele.

CB: Mas você tinha muito isso de trabalhar em parceria com os seus colegas? Eles escreviam e você desenhava ou não necessariamente?

LC: Não necessariamente. Eu acho que eu tendia mais a trabalhar sozinha. Me sentia mais à vontade trabalhando sozinha.

César: Você tem saudade?

LC: Não.

Cristina Costa: [...] Assim, como isso daqui parecia pequeno, agora que eu cresci.

LC: É que antes da ECA, eu entrei aqui em 69, os três anos precedentes (66, 67 e 68) foram de uma intensidade tão grande na minha vida pessoal que de certa forma faz sombra, sabe, sobre o período da ECA. De fato, no início da minha vida na ECA, eu estava meio que ainda estimulada e vivendo no campo dessas ideias. Eu passei três anos fazendo um curso livre duas vezes por semana na FAAP, era um curso livre para adolescentes de desenho e pintura. Aliás, acho que teve alguns professores que saíram de lá e vieram para cá. Evandro Jardim veio pra cá, não? Toboshigui? Acho que não, acho que ficaram lá na FAAP. Mas acho que o Zanini andou por lá algumas vezes também.

Bom, não sei. Eu fiz desenho, pintura e teatro lá. Foram três anos de uma intensidade tão grande, numa fase da minha vida também muito especial, uma fase de crescimento e amadurecimento de meios de expressão, de compreensão do mundo, quando tinha 15, 16 e 17 anos. Em todos os aspectos, social, afetivo, sexual, tudo. E quando eu entrei na ECA eu meio que estava ainda com fôlego dessa experiência. Algumas coisas na ECA me decepcionaram, inclusive em função de eu mentalmente comparar com a liberdade, com a

profusão de criações que a gente fazia lá. Tive aula com o **Naum, Naum Alves de Souza**, por exemplo e fizemos peças de teatro. Era uma atividade bem intensa.

E eu entrei na ECA e senti uma queda nisso. Estou falando dos primeiros anos de ECA, depois eu muito provavelmente aprendi a negociar ou a usufruir do contexto da universidade de outras maneiras, como por exemplo fazendo o Balão ou trabalhando no jornal do centro acadêmico. Fui conhecendo outras pessoas e fui mudando também. Não sou pedra. E é isso. Foi isso que você perguntou?

CC: Se você não tinha a impressão, estando aqui agora, que a gente tem quando vai ver a escola da infância, que a gente fala “Parecia tão grande e é tão pequena!”.

LC: Não sei, pra mim justamente parece cada vez maior. Porque ela ocupa uma quantidade de edificações e, vem cá, quando eu entrei chamava Escola de Comunicações Culturais e toda a ECA ficava dentro do B-9. Daí depois veio pra cá, mas o curso de música foi pra lá, o curso de música inteiro estava lá no B-9. Então o meu ambiente era o B-9. Agora não, está cada vez maior, eu vejo o Instituto de Música, o Instituto de Artes, o Auditório, este prédio, não sei bem como vai ser o futuro, como vão se ajeitar as coisas. E tem também aqui, umas edificações aqui do lado. É cada vez maior.

CC: Ainda bem né, imagina se nós estivéssemos no B-9.

LC: Essa divisão inclusive em Artes e Comunicações, eu tenho uma certa saudade do que era, mas eu acho que é uma visão super discutível. Não tenho nenhuma objeção séria ou mais fundamentada sobre essa divisão entre Artes e Comunicações.

CB: Como você vê a ECA daqui a mais 50 anos? O que você espera que ela seja?

LC: Eu não sei, Caroline. Francamente você está perguntando pra pessoa errada.

[Corte no vídeo]